



MARINHA DO BRASIL

ADIDÂNCIA NAVAL NA FRANÇA E NA BÉLGICA

RESENHA Nº2/2023: O REARMAMENTO MILITAR NAVAL PELO MUNDO

Paris, FR, em 17 de março de 2023.

Esta resenha objetiva sintetizar 23 artigos¹ publicados na revista *Le Réarmement Naval Militaire dans le Monde* produzida em janeiro, pelo Centro de Estudos Estratégicos da Marinha (CESM). O propósito da revista é demonstrar que os espaços marítimos evoluíram nos últimos trinta anos de vetores de trocas e equilíbrio entre os Continentes para elementos da soberania dos Estados limítrofes. A principal consequência desta mudança foi o intenso rearmamento militar-naval pelo globo.

O texto foi estruturado em três partes. A primeira, composta pelo prefácio do Diretor do CESM, CA MARC-ANTOINE DE SAINT GERMAIN, e mais dois artigos com o foco no crescimento do Poder Naval. Na sequência, apresenta-se a evolução das tradicionais componentes das forças navais (superfície, submarina e aeronaval), assim como as novas áreas da guerra no mar. A terceira fração, descreve o rearmamento das principais marinhas mediterrâneas e do indo-pacífico.

O CA DE SAINT GERMAIN explica que o desaparecimento da URSS em 1991, levou ao decréscimo da frota da *US Navy*. Os dividendos da paz fizeram com que ela passasse de 594 unidades em 1987 para 271 em 2015. Os seus estaleiros de construção reduziram de 24 para sete. Porém, ao longo dos anos 2000, ocorre a modernização da força de submarinos russos. E, a partir de 2010, Pequim renova a sua ambição marítima, visando a dominar o Mar da China Meridional e as novas “rotas da seda”.

Este novo contexto geopolítico marcado por uma competição pelo domínio dos mares e pelo questionamento da ordem mundial baseada no direito internacional reverte a aludida situação, resultando no rearmamento naval maciço dos últimos quinze anos. No Indo-Pacífico,

¹ De forma a facilitar o encadeamento das principais ideias contidas nos 23 textos, a sequência dos artigos não será necessariamente seguida no processo de produção desta resenha.

ele é tanto quantitativo, como qualitativo (drones, submarinos e automação de unidades). A Marinha chinesa cresceu 138%, a sul-coreana 101%, a da Indonésia 46% e a da Índia + 40%. Coreia do Sul e China já possuem os 5 maiores estaleiros do mundo.

No Mediterrâneo, a Turquia, com o projeto “Pátria Azul”, empenha-se para modernizar suas unidades e se rearmar. Sob pressão do vizinho, a Grécia busca adquirir três fragatas. O Egito está adquirindo novos meios, para recuperar seu status de potência regional. Diante da presença russa e com o fulcro de proteger suas jazidas de gás, Israel vai agregar corvetas e um submarino a sua Armada.

No âmbito das forças de superfície, constata-se o crescimento muito perceptível, tanto em termos numéricos, quanto em tonelagem das embarcações. As principais tendências são a ampliação das capacidades anfíbias e de reabastecimento no mar para atender a teatros simultâneos (Coreia do Sul, Argélia, Turquia, China e EUA); a “missilização” dos navios, seja para a guerra costeira (Coreia do Sul, Irã e Rússia), seja para a defesa antiaérea; além da modularidade, a qual demanda questões de integração de capacidades.

As forças submarinas dão importante contribuição para o rearmamento naval em curso, pois neste mundo “maritimizado” do século XXI, o controle e a vigilância dos espaços marítimos tornaram-se questões prioritárias das políticas do Poder Naval. Pela sua mobilidade e sigilo são meios privilegiados para este fim. Destarte, estas frotas tornaram-se essenciais na disputa entre a China e os EUA. Retrato disto, a tensão em torno de Taiwan se deve, em grande parte, à liberdade de manobra dos submarinos chineses e seu emprego no Pacífico. Com foco nesta confrontação, o ambicioso programa chinês, resultará em avançar de 5 submarinos em 2005 para 76 em 2030, sendo 55 convencionais, 13 SNA, e 8 SSBN. Por outro lado, nos EUA, surgem os novos SNA da classe “Virginia”. Ademais, entre 2018 e 2030 a US Navy substituirá 14 SSBN da classe “Ohio” pelos “Columbia”.

Quanto às forças aeronavais, três de suas componentes encontram-se em pleno desenvolvimento: o NAe, as aeronaves de patrulha marítima e os drones. O NAe com catapultas e aparelho de parada continua sendo a garantia da máxima eficiência militar do poder no mar. Nos EUA este meio é a “ponta de lança” de seu poderio naval. Na Grã-Bretanha um NAe se tornou o pilar do incremento do poderio de sua marinha e de suas ambições globais. Coreia do Sul, Índia e Turquia têm programas para construir essas unidades. O Japão transformou dois porta-helicópteros, para embarcar nos F-35B de 5ª geração. Entretanto, é a China quem possui o

programa de construção mais ambicioso: deseja ter cinco NAe, em 2030. Recentemente, lançou seu terceiro, o “Fujian”, o primeiro contendo convés de voo corrido e aparelho de parada.

Face à tendência de redução dos custos, está prevista uma proliferação de drones de superfície e submarinos. Porém, as baterias de íons de lítio, seu principal fornecedor de energia, apresenta limitações. Outro obstáculo é a autonomia de decisão da Inteligência Artificial (IA) do sistema de missão. Uma última dificuldade relevante é a comunicação, sobretudo no domínio subaquático. A digitalização do campo de batalha das principais marinhas do mundo articula, não somente uma questão de horizontalidade², mas também de verticalidade³. Destarte, o desenvolvimento de doutrinas relacionadas às operações multidomínio, induz a um reforço da conectividade entre os conjuntos de informação para coordenar ações e obter convergência de efeitos.

No que se refere aos mísseis de hipervelocidade, convém destacar que os únicos oficialmente operacionais são os russos “Zircon”. A China anuncia possuir capacidades balísticas de manobra (DF21 e DF 26) e planadores hipersônicos. Os EUA têm projetos de mísseis de hipervelocidade em desenvolvimento, incluindo um planador hipersônico para ataque terrestre a partir de seus novos cruzadores e dos SNA da classe “Virginia”. França, Índia e Japão trabalham em projetos comparáveis. O desenvolvimento de capacidades antimísseis, possibilita empregar sistemas guiados por IA para adquirir alvos ou para atuar diretamente na munição. O projeto *EXtreme ACcuracy Tasked Ordnance* da DARPA nos EUA, indica a precisão que uma munição de pequeno calibre (12,7 mm) poderia ter ao empregar a IA. No caso de armamentos de energia direcionada, o fornecimento de energia é determinante para seu emprego.

A Marinha militar chinesa ultrapassou em número de navios de superfície e de submarinos a norte-americana. Em 2030, ela deve atingir 450 unidades contra 360 dos EUA. Forma hoje um modelo completo de força naval moderna: 3 NAe, navios anfíbios, submarinos convencionais, nucleares e quase quarenta navios fortemente armados. À Marinha militar *strict sensu* somam-se a Guarda Costeira, com 1.250 embarcações e a Milícia Marítima, primeira força paramilitar do mundo, tornando-a uma ferramenta política poderosa.

A estratégia de planejamento das Esquadras dos EUA está orientada para uma mudança na visão naval considerando a utilização de tecnologias estrangeiras, como os drones

² Capacidade de ação coordenada entre diferentes plataformas, tanto tripuladas como não tripuladas.

³ Integração de sistemas de comunicação ou processamento de dados do espaço exterior para o fundo do mar.

subaquáticos noruegueses “Remus” e as FREMM italianas. Esta mudança de visão é ilustrada pelo desejo de reduzir o número de navios tripulados e a tonelagem de unidades, incentivando o aumento de drones de todos os tipos. Outrossim, a questão do fundo do mar está se tornando um foco importante graças a uma visão da Guerra do Fundo do Mar centrada nas capacidades antissubmarino e de Guerra de Minas. O esforço de renovação da Marinha britânica resultou na construção de dois NAe (HMS “Queen Elizabeth” e HMS “Prince of Wales”), além da aquisição de oito fragatas Tipo 26 e cinco fragatas Tipo 31. Ela desenvolve programas tecnológicos avançados, como mísseis hipersônicos e drones subaquáticos autônomos. Estas aquisições associadas à criação de alianças com parceiros privilegiados, como a AUKUS, demonstram a vontade de Londres se projetar globalmente.

A Armada sul-coreana totaliza 192 mil toneladas, a 8ª maior do mundo, com 180 navios de combate. Para sustentar suas ambições, conta com uma indústria naval em franca expansão, beneficiando-se de um nível tecnológico de ponta. Quatro programas se destacam: fragatas, contratorpedeiros, submarinos convencionais de ataque e navios de assalto anfíbios. O Poder Naval indiano baseia-se nos NAe e nos submarinos nucleares. A Índia possui dois NAe (INS “Vikramaditya” e INS “Vikrant”) e constrói um terceiro, o INS “Vishal”. A Marinha Indiana assinou contrato com o NAVAL GROUP para seis submarinos da classe “Scorpène”. Possui, ainda, dois submarinos nucleares lançadores de mísseis balísticos da classe “Arihant”. A Turquia almeja um papel importante como potência regional no Mediterrâneo Oriental, assumindo inclusive tensões calculadas com as outras marinhas europeias e usando a política de fato consumado. Neste contexto, o NAe “Anadolu” (Classe “Juan Carlos”) entregue em 2022, dará a Marinha turca uma projeção de alto nível e capacidade de comando.

Finalmente, as dificuldades inerentes ao rearmamento devem ser encaradas no longo prazo, dada a vida útil das embarcações de até cinco décadas. Em adição, a escolha dos equipamentos não é totalmente autônoma. Está limitada às inevitáveis alianças militares realizadas, à interoperabilidade técnico-tática com estes aliados, ao custo de construção e de manutenção das frotas, além da proficiência do pessoal que opera os meios. Concluindo, os desafios decorrentes desse cenário são a segurança dos fluxos marítimos, necessária numa economia globalizada; o combate ao tráfico ilícito (pesca ilegal, tráfico de pessoas ou de drogas, pirataria); e das consequências das alterações climáticas, potenciais fontes de conflito. *Resta claro que o mar volta a ser uma zona de contestação e de disputa, assim o combate naval de alta intensidade se torna provável.*

Os artigos iniciais da publicação demonstram que o Sistema Internacional é anárquico e realista. Inicialmente, a mudança na forma como os Estados enxergam seus mares, as ambições de expandir sua presença marítima, bem como a renovação da frota submarina de Moscou, começaram a mudar a visão de mundo estabelecida desde a Queda do Muro de Berlim. Mas, foi a volta da guerra na Europa em fevereiro de 2022, que catalisou esse processo e obrigou os governantes a voltarem seus mastros para a preparação de suas Esquadras. Prova disto, na França, a Lei de Programação Militar foi reformulada dois anos mais cedo para dedicar € 400 bilhões de orçamento entre 2024 e 2030, evitando que o país fique defasado nesta corrida por soberania.

O Brasil é citado apenas duas vezes nos textos. A primeira, na análise das forças de superfície, onde se comenta o Programa Tamandaré de renovação dos meios antigos e classifica a nossa Marinha, como de segunda linha, junto com Argélia, Marrocos e África do Sul, todas elas africanas. A segunda, na análise prospectiva das forças de submarinos para 2030, ocasião em que o Brasil aparece apenas com 5 meios, todos de propulsão convencional.

De fato, a competição pelos mares está estabelecida e será cada vez mais intensa e violenta. Assim, na visão desta Adidância, a continuidade do PROSUB a construção das Fragatas, o investimento nos drones, a luta para proteger os fundos marinhos, assim como a renovação dos meios de apoio logístico móvel são fundamentais para a MB acompanhar esta tendência de rearmamento naval, sem ficar defasada.

Considerando-se as atribuições regimentais, avalia-se, em primeira análise, que a leitura deste texto e seus anexos é aplicável às Subchefias de Estratégia e de Relações Internacionais do EMA; à Subchefia de Operações do ComOpNav; ao CDDGN do COMEMCH e à Área de Política e Estratégia da EGN.

RICARDO LHAMAS GUASTINI
Capitão de Mar e Guerra
Adido Naval na França e na Bélgica
ASSINADO DIGITALMENTE